

Campanha difamatoria

Já já esperavamos, mas não havia pressa para se apresentar assim tão desbragada, tão desembaraçada, tão deslavada, sem vir embriçada da capinha do astrakã da byperisã com que os uma se apresentar em scena.

Quando ousamos atirar aos ventos da publicidã esse pequeno jornal sabiamos que os unicos obices que tinhamos a vencer eram os da campanha difamatoria veada e jesuitica que haviam de antepor em no so caminho, para, entorpecendo a nossa marcha, desvirtuar as nossas intenções.

Sabiamos mais que, muitos — aquelles a quem convém que a victima de cujos reclamos, queremos ser o e-ho, permaneça ignorada, indefeza procurariam entre os proprios negros, os que tendo a consciencia do seu eu enxada pelas b. bijas com que vão vivendo, e que obtiveram em troca da dignidade empenhada, para, servirem de foles que soprando a intriga vil aos ouvidos dos incautos possa apagar a tibia luz embora, que difunde nos programã, que tem por fim a

para tal ar a verdade e entendel-a; assim como a dor é comprehendido pelo gémido seja partido do peito de um sábio ou do peito do igno ante, a verdade é comprehendida tambem embo a na linguagem do rustico.

Não inventamos phantasmas para contarmos historias.

Corroborando os disse me distos que nos tem chegado aos ouvidos, no dia 8 do corrente entrou poitas a dentro em nossa officina onde fazemos por ganhar o pão de cada dia, o sr. João Miguel Uflacker, moço de profissão pintor, que sem mais preambulos, foi dizendo assim ao que vinha:

— Sabe, sr. Calisto, vou devolver o seu jornalzinho.

— Porque? interrogmos cur'oso; pois o senhor, até já pagou a assignatura. . . Não lhe agradou o jornalzinho, não traz troça; não é assim?

— Não, não é isso. . .

— Não é isso! então o que é? desembuche! . . .

— É porque não é conveniente; não temos necessidade disso!

— Não temos necessidade disso, retorquimos lhe, é porque o senhor sendo negro, não sente-se envergonhado, vendo um de nossa cor, de quem conhecemos as boas

deu? perguntemos-lhe mais alliviado; pois julgavamos ter diante de nós um obcecado chapado e tinhamos apenas um ingenio ludibriado!

— Foi um mulato que disse-me que eu com mais um mil réis teria um jornal maiores e com mais cousas . . . por isso . . .

— Pois, meu amigo, observei lhe, como « os burros não se compram pelas orellhas » como diz o rifaio, tambem o jornal não se assigna pelo tamanho e barateza, e sim pelo valor da causa pela qual se propoñha viver e pelo interesse que nos possa resultar de sua existencia, sob o ponto de vista de nossas aspirações de nossos ideaes. O amigo deve co'ejear o nosso modesto jornal com a imprensa rãnde a fim de tomar um resolução definitiva. A'em disso, ouça me um pouco mais:

Não se illuda com os nomes suggestivos, e democraticos que alguns jornaes de nossa capital ostentam em seus cabeços porque não passam de méros lettreiros identicos aos titulos que se vêem pintados no alto das paredes das casas de negocio, que tem por fim chamar a attenção da pobreza a vida por comprar barato, mas que sahe roubada no

de baixo da desculpa cynica de serem filhos de boa familia e moços bem collocados.

Haja vistas ás continuas turbulentas e grosseiras varias dadas pelos espectadores das galerias do S. Pedro na actual temporada lyrica. Si fossepartidas de individuos do nosso meio eram elles retirados de lá para o posto aos trambulhões e a rufa de facão, mas eram bons moços, sofreram apenas uma leve reprehensão das autoridades e a imprensa não desliga-lhes os nomes.

Haja vistas o barbaro crime de que foi victima o inditoso jovem Alvaro de Oliveira, em que os jornaes maiores que trazem mais cousas, fazendo da cor do morto o uniforme de suas qualidades, procuram, embora capciosamente, atenuar a culpa do assassino dizendo ser elle filho de boa familia

Eis a razão porque « O Exemplo » appareceu sinceramente propondo-se ser jornal do povo, um jornal que não procedera como muitos outros.

Nos misturando com vosco, por sermos iguaes; bem aquilatando ás vossas qualidades pela forma porque viveis, julgar-vos-emos com justiça.

Emergimos do meio do

Quadros tristes

II

O leitor deve lembrar-se da velha Joanna — a lavadeira — aquella boa mulher sempre alegre, que ha uns annos mais ou menos na praça da C. em companhia de sua a Almerinda — aquillo tipo de cigana de olhos gros e arteiros como gatinhos novos, de cintura delgada, flexivel, de pés breves e que pisavam a terra preta como as corsas; mas o que não lembra ou o que não sabe, talvez, é o motivo pelo qual a infeliz mulher não ha muito tempo morrer no hospicio S. Pedro, e é isto o que vamos contar.

..

Na época que tomamos para o começo de nosso conto de hoje, Almerinda tinha completado os seus dezeseis annos, uns dezeseis annos bellos como as auroras boreaes, encantadores como manhãs primaveris, perfumosos como as essencias do Japão.

Como a cordar lhe, a bella cabelleira negra como o medo limitava os contornos de um jambo a que a natureza emprestára as mais bellas formas do rosto humano; o ta he delgado e os movimentos de um salero discreto e elegante, fagiam-na a rainha da belleza e o orgulho, o encanto o tudo da boa mamã Joanna, que depois da morte do seu Felizardo, somente a ella tinha dedicado

indefeiza procurarlam entre os proprios negros, os que t'nao a consciencia do seu eu engabe'ada pelas *b. bujas* com que vao vivendo, e que obtiveram em troca da dignidade empenhada, p'ra, servirem de foles que soprando a intriga vil aos ouvidos dos incautos p'ssa apagar a tibia luz embora, que difunde nosso programma, que tem por fim dissipar as trevas da ignorancia em que vive a victima dos governos e dos politicos», mostrando-lhe seus direitos conculcados; pela exploração dos dominadores despertando-lhe a energia, a vontade de agir para obter a justiça que constantemente lhe é empalmada.

Sabiamos de tudo isso; mas para resistirmos os bofes da calumnias estamos amparados por uma armadura que julgamos sufficiente; a é esta: nossa consciencia satisfeita porque não accuzar o dever de ouvir nos e obedecermos á voz do commando de quem quer que seja, quando no desempenho de nosso compromisso, tenhamos de exercer a nossa liberdade de sentir, para condemnar sem hesitação, a de pensar para agirmos sem constrangimento em opposição a violencia contra os nossos praticadas.

Estamos na brecha; critiquemos embora esses que vivem da exploração das misérias humanas, prosequeremos desavombrados em nossa faina; porque não precisamos saber grammatica

— Não, não é isso...
— Não é isso! então o que é? dessembuehe!...
— E' porque não é conveniente; não temos necessidade *d'isso*!
— Não temos necessidade *d'isso*, retorquimos lhe, é porque o senhor sendo negro, não sente-se envergonhado, vendo um de nossa cor, de quem conhecemos as boas qualidades, ser deshumanamente espancado, por agentes da guarda administrativa, como temos presenciado, e no outro dia, ver glorificada afaçanha dos agentes pela imprensa, que baptisa a victima por *negro do desordeiro*! Não temos necessidade *d'isso* por que o senhor estando em uma reunião de nossas familias, ao chegar uma patrulha perguntando pela licença, humilha se volta o rosto a um canto da casa e não sente as vergalhada, do desprezo, da affronta cortar os seus melindres de homem livre! Não temos necessidade...

O moço em vista de tão forte hemetico interrompeno o que iamoz dizer, tartamudeou:

— Eu estou de accordo com tudo isso; mas não sou desta terra, estou aqui ha pouco tempo apenas e me encheram os ouvidos, e não só os meus como os de outros também: tanto que alguns socios da Floresta e da Florestina vão devolver também *O Exemplo*.

Isso agora é ou ro can'ar! não falle assim. Que n'foi que tão bom conselho lhe

mes suggestivos e democraticos que alguns jornaes de nossa capital ostentem em seus cabeços porque não passam de méros lettreiros identicos aos titulos que se vêem pintados no alto das paredes das casas de negocio, que tem por fim chamar a attenção da pobreza a vida por comprar barato, mas que sahe roubada no peso ou leva generos podres; enquanto o negociante explorando-a, enriquece.

Assim são os *jornaes maiores com mais equas*. A sua reportagem sobe as escadas dos postos e da chefatura para colher as boas noticias das queixas e das prisões os quaes enchem, a custa do infortunio e do ridiculo do do proximo o abundante e espirituoso noticiario; pouco se importando que as mais das vezes, taes queixas e prisões, sejam a fermentação da miseria que soffremos: mas não descem ao plano onde se desenrolam os acontecimentos para, conhecendo de perto as victimas pouparem lhes o dissabor da publicação de sua desdita.

Porém faça um pequeno reparo, sr, Uflacker: quando tratar-se de um grande escandalo em que estejam envolvido individuo mettido a *sebo do di-te*; mas que no entanto não pode evitar de dar seu passeio à che-latura, os *jornaes maiores e com mais equas* zeando suas intesses pecuniarios e o *nuncienciais sociais* occultam o. n'as: do pe 3011; n

ramente propondo-se ser jornal do povo, um jornal que não procedera como muitos outros.

Nos misturando com vosco, por sermos iguaes; bem aquilatando ás vossas qualidades pela forma porque viveis. julgar-vos-emos com justiça.

Emergimos do meio do povo, para rebatermos os golpes de desprezo que os preconceitos estupidos pensam desferir contra a intereza de nosso caracter para clamar por justiça, quando qualquer violencia venha ferir nossos direitos perante as leis.

Acha que não ha necessidade do nosso jornal, porque elle não trará nunca o que os outros trazem de vez emquando:

« O negro Souza mettido Num grande *forrobodó*, Foi acabar o fandango La dentro do xilindró! »

pois bem não o mandaremos mas porque nós não podemos troçar com o futo de Fulano ou Beltrano ser preso por ser negro, porque somos negros também.

Devemos consignar para honra do sr. Uflacker que concordou conosco e nao consentiu que lhe suspendesemos a remessa do jornal, e nao accitou o dinheiro que lhe querimos devolver.

(Continúa.)

mo as essencias do Japão. Como a cor'dar lhe, a bella cabelleira negra como o medo limitava os contornos de um jambo a que a natureza emprestára as mais bellas fórmas do rosto humano; o ta he delgado e os movimentos de um *salero* discreto e attrahente, faziam-na a rainha da belleza e o orgulho, o encanto o tudo da boa mamã Joanna, que depois da morte do seu Felizardo, somente a ella tinha dedicado os seus affectos.

Mas as raparigas, entre nós, por um condemnavel defeito de educação, desconhecem quasi que absolutamente o seu eu *physiologico* e por isso, não comprehendendo bem o quanto de importante e de milindroso tem o phenomeno que character a mulher tornando-a apta a precocação, descaram dos cuidados que lhe são uteis e necessarios e ou perecem ou acham-se para todo e sempre. Almerinda foi victima dessa falta de conhecimento.

Um bello dia em que a mamã Joanna que a via, desde algum tempo, perdendo a bella cor do rosto, reconheceu que circulos violacios iam apparecendo em torno a seus olhos e uma tosse importuna a poquentava do em quando, com adivinhou a terrivel certificando-se pela feita á Almerinda, ficou sesperada.

Almerinda não estava companhia da vela e si de uma costureira que aproveitosamente ia aprendendo-se na arte de talhar, e boa Joanna tudo soube no dom ngo, quando a seguinte: a velha lavadeira procura os « freguezos », buscando trabalho para o resto da semana,

não o fez, porém. Amedrontada do estado da filha, logo pela manhã, correu a buscá-la e a levou-a ao hospital afim de que os medicos a vissem e receitassem?

Que mais poderia ella fazer si não tinha outro recurso? não o producto de suas lavagens.

Examinada a mocinha pelo medico, este verificou que a tísica queria fazer de seus pulmões acampamento para os balalhões de seus bacillos, mas, sem occultar, a verdade animou-as muito, dizendo que o mal não era dos maiores e não havia perigo.

Assim pela tarde estavam em casa com os primeiros medicamentos e satisfeitas, cheias de esperança.

E assim levaram algumas semanas.

..

A Almerinda ia melhor, muito melhor, sem duvida, com os remedios do medico mas á velha não agradava já a maneira porque elle tratava á menina, nem a fórma porque a olhava e se não fosse a confiança que tinha na pequena decerto não a levaria mais ás consultas.

A menina tambem não escapára as preleções do medico, mas para não sobresaltar a velha e porque queria ver-se bôa nada dissera a sua mãe e fugia não entender o que o dr. C... esforçava-se por fazel-a comprehender.

Um dia porém, no segundo mez da cura, indo o dr. suscitual a, aproveitou para, de-

A infeliz mulher, desesperata, voltou á casa quasi a correr. Ainda lhe restava um recurso: era o relógio de prata e a corrente de aço do seu Felizardo, que ella guardava religiosamente havia doze annos num canto do bahú que tinha como o mais querido. Esse relógio era uma reliquia santa; porém que fazer? — Havia de deixar morrer a Almerinda? Não. O seu Felizardo perdoar-lhe-ia o desfazer-se talvez daquelle relógio que jurara guardar como lembrança por toda a vida.

Foi tremula e entre lagrimas, que chegando á casa, tirou do velho bahú o relógio e, depois de beijal-o muito e ardorosamente, foi levar o ao sr. Maneca o taverneiro da esquina como garantia de seis mil réis que lhe queria pedir emprestado.

A pobre mulher ficou surpresa quando depois de sua proposta, ouviu do homem: — Isto aqui não é casa de penhores e mesmo essa carcaça nada vale. Em todo caso quando quizeres um meio kilo de assucar por ella, trata cá.

..

A noite tinha avançado e com ella a chuva que cahia torrencial. As ruas eram cheias de pantano, e agua. A agua em borbotões passava roncando nas sargetas e carros de fogo disparavam pelo espaço produzindo terriveis ruidos.

Quando chegou em frente a porta dois homems sabiam com a murta envolta em um lençol dentro de um caixão de madeira raso e sem tempo. A velha louca de dor abraçou-se á filha soluçando e derramando as mais abundantes lagrimas, enquanto os soldados que se aproximaram, procuravam arrancal-a dali.

Os esforços dos soldados que a principio foram brandos tornaram-se logo grossivos, violentos e dentro em pouco a pobre mulher foi rastada de junto da filha.

Ouviu-se então uma gargalhada metallica, lancinante, terrifica, daquellas que nos abalam os nervos e nos trazem o coração e logo apz em uma toada diabolica a mãe Joanna seguir cantarolando:

Toda vestida de branco
Qual uma no'va galanta,
Vai Almerinda p'ra festa
Que anjos fazem distante.

E nunca mais deixou de cantar isso.

Alois Wolff.

Alimentação hygienica

Na cabana do jardim, entresachada de folhagens, nessa linda tarde tépida de Agosto, as senhoras chuchurream e o café, ouvindo o chicio agudo das cigarras e a voz lancinada da formiga...

EXPEDIENTE

Accepta-se e publica-se gratuitamente todos os artigos concordantes com a norma de conducta da folha, bem como as declarações de operari s sem trabalho e que queiram collocção.

Todas as reclamações referentes a parte ineditorial deve ser dirigida ao gerente da folha.

De tudo

Morte a pau

No dia 8 do corrente, na Colonia Municipal, 3º districto de Pelotas no lugar denominado Arroio Bonito, foi assassinado a cacetadas, pelo colono Alberto Schultz, o commerciante Alberto Hobuss, em sua propria casa de negocio.

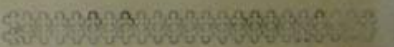
A origem do crime foi uma troca de palavras entre ambos e depois da qual, exporçado, Schultz vibrou fortes cacetadas em Hobuss, causando-lhe a morte.

A autoridade daquello districto, avisada do occorrido, foi ao local do crime, tomou do elle conhecimento e effectuando a prisão do assassino que foi recolhido á cadeia civil daquela cidade.

No dia 29 de Setembro, na Corinth, estado do Mississipi, nos Estados Unidos, foi queimado vivo na presença de cinco mil pessoas, um negro accusado de ter violentado e assassinado uma senhora.

Essa fórma de punir os delictos está contraria com a constituição americana, seri prevista no codigo penal?

São bem adactados os yin-kéus!



Enfermos

Tem melhor do um pouco dos graves padecimentos que ultimamente, têm acabranhado, o distincto joven Beato Ferreira.

Tambem tem estado retido no leito o nosso amigo José André Gonçalves, habil contractor, contramestre da obra da igreja das Doras.

Lar em luto

Falleceu a 21 do corrente, a filha Maria da Silva, irmã dos jovens Ildefonso e João da Silva e d. Beatriz da Silva.

Pezamos.

7:09

A menina também não se capara as pretensões do medico, mas para não sobresaltar a velha e porque queria ver-se boa nada dissera a sua mãe e fingia não entender o que o dr. C... estorava-se por fazel-a comprehender.

Um dia porém, no segundo mes da cura, indo o dr. suscitá-la, aproveitou para declarar seu amor e propor-se seu amante. A rapariga repeliu-o e nunca mais voltou ao hospital.

Passados mezes quando começou a fria estação, com a falta de medicamentos, a moléstia que recrudecera, manifestou-se com caracter mais energico e de tal fórma que não obstante as applicações homeopaticas de um velho que morava nas immediações, a pobre mocinha dentro de duas semanas já mal podia-se mover no leito.

A pobre Joanna resolveu chamar um medico e tendo obtido um cartão — fiança de um seu freguez foi buscar o dr. S... que depois de ver a Almerinda e adquirir a certeza de que não passaria daquelle noute, receitou.

La escurecendo quando o medico saiu de casa da Joanna, e ao longe ouvia-se o rugido trovão e do lado do nordeste lagartos de fogo corriam pelo espaço de quando em quando.

A pobre velha chorando foi levar a receita á pharmacia para que a preparassem emquanto á casa de um freguez receber uma continha, a da ultima roupa que lavára para com este dinheiro pagar o remedio, pois os ultimos vintens empregara, de manhã, no caldo para a menina.

Até, foz movbis freguez chavia pela manhãmbido e ainda rá, voltara na ultima naquelle dia.

Alimentação hygienica

A noute tinha avançado e com ella a chuva que cahia torrencial. As ruas eram cheias de pantano, e agua. A agua em borbotões passava roncando nas sargetas e carros de fogo d'sparavam pelo espaço produzindo terriveis ruidos.

No meio da horrivel tormenta a pobre mulher, temendo que a pharmacia cerrasse suas portas, para ella dirigiu-se e chegando disse aos pharmaceutico tudo que lhe succedera supplicou-lhe que lhe desse os remedios que os pagaria depois, que acccitasse o relógio como garantia, que tivesse pena de sua filha que morria se não tivesse o remedio. Foi tudo inutile o homem acabou por il-a empurando para a rua a fim de feixar a casa.

Então a dor, o desespero a humilhação mudaram-se em odio que explodiu em uma botetada em plena face do pharmaceutico J...

Meia hora depois no quartel que existia no angulo da Varzea e rua Venancio Ayres, dava entrada, presa, a velha Joanna, emquanto em sua casa, quasi abandonada morria a infeliz Almerinda.

No dia seguinte ás 10 horas da manhã, quando a velha Joanna era, pela rua Venancio Ayres conduzida á che-fatura de policia, viu parada emfrentela porta de sua casa uma daquellas caixas pretas collocadas sobre rodas e que o vulgo chama « Maria Creola » e deitou a correr em direcção á casa. Os policiaes que a escortavam seguiram-na de perto, porém já a alcançaram.

Na cabana do jardim, entresachada de folhagens, nessa linda tarde tépida de Agosto, as senhoras chuchurream o café, ouvindo o ciccio agudo das cigarras e a vozlanguida da formosa baroneza d'agua Limpida, que allava sobre regimens de fallava sobre regimens de

— Eu não posso com os legumes. O nabo... quem é que póde com aquillo? uma cousa sem gosto...

— Sem gosto? isso não, acudio Hortencia, a loura Hortencia, o nabo é bem saboroso.

— O repolho, continuou a formosa baroneza, o repolho é mesmo inconveniente. Eu, quando como repolho, peno sempre ter engulido um folle: — E o rabanete?...

— Ora! o rabanete. Para mim não ha nada como o bife; as hortaliças não me seduzem. Deixem lá fallar os vegetalista: não ha nada como o bife.

Hortencia, que ouvira saboreando a sua chicara de café, disse suspirando:

— Eu tambem prefiro a carne, mas gosto de verdura...

Ah! sim... Ah! sim!... disseram todas as damas em unanimidade.

Calibam.

Mocotó

No Botequim Esperança, succulento mocotó aos sabbaños e dominhos.

pos e depois da qual expirou. Schulz vibrou fortes sacetadas em Hibus, causando-lhe a morte.

A autoridade daquelle districto, avisada do occorrido, foi ao local do crime, tomando delle conhecimento e effectuando a prisão do assassino que foi recolhido á cadeia civil daquelle cidade.

Outro desastre em baão

No dia 20 do passado, em Stokholm, perante o rei Oscar da Suecia, o capitão Ungo e o engenheiro Wilcander fizeram uma ascensão em aerostato.

Cinco minutos após a ascensão, em uma altura approximada de 2000 metros, o baão explodiu, salvando-se os aeronautas milagrosamente graças a um pára-quedas, com o auxilio do qual conseguiram chegar á terra illesos.

Irmão modello

Em S. Paulo, em um armazem de café existente na travessa do Brax, eram empregados dois irmãos, Herculano e Godofredo Carnello de Almeida Santos, o primeiro dos quaes havia tratado casamento com uma mocinha Maria do Espirito Santo, que sendo orphã vivia em companhia de uma familia moradora á rua d. Maria Domitilla.

Godofredo, porém seduzido pelo belleza de Maria, antes a queria como amante que como cunhado e tendo seu irmão, Herculano, ido a Santos em serviços de casa, e sem ter podido desgañir-se do Marlar aproveitou a occasião de declarar seu affecto, seduziu a e desforal-a.

Falleceu a 21 do corrente d. Isabel Maria da Silva, irmã dos jovens Hortencio José da Silva e d. Eulalia da Silva.

Pezames.

Deu-se nesta capital o fallecimento do d. Maria Craveiro da Conceição, africana que tornou-se aos 90 annos de idade.

Por intermedio de um proprio, vindo da Serra das Tapas, soube a sra. d. Christina Eulalia que acaba de finar-se alli o seu irmão o sr. Appollinario da Silva.

Pezames.

Falleceu nesta cidade, no dia 22 do corrente, o exm. sra. d. Luiza da Silva Rozendo, sogra do sr. Alão Oscar.

A extincta cujo annuario era ella noutro estado no presente meio, foi enterrada na ma há de 23, tendo sido este cerimonia grandemente concorrida.

No dia 23 do corrente falleceu nesta capital a jovem Maria da Gloria Oliveira, irmã do sr. Cassiano Manoel de Oliveira a quem daqui envia nos pezames.

Em Pelotas deixou de existir a sra. d. Cozaria Maria Danelles tia dos srs. João Carlos Pires e Francisco Xavier. Por sua filha d. Linda, soube sobreinhos mandaram, na sexta-feira, 24 do corrente, rezar missas na igreja cathedral.

7 1703